

# A ESCRITA DE SI E A ESCRITA DO OUTRO: FABULAÇÕES DA INFÂNCIA EM SITUAÇÕES-LIMITE NAS OBRAS DE MARINA COLASANTI E TADEU SARMENTO

Vivian Bezerra da Silva (UERJ)  
letras.vivian@gmail.com

## RESUMO

Na sociedade em que vivemos, a infância é compreendida como um período da vida importante que precisa de atenção e cuidados diferenciados para o pleno desenvolvimento do indivíduo no futuro. Mas nem sempre foi assim e, ainda hoje, dependendo do contexto social em que a criança está inserida, essa concepção muda. Portanto, o conceito de infância é instável, compreendido de diferentes maneiras de acordo com a época, lugar, questões sociais, econômicas, culturais, religiosas etc. As obras analisadas neste trabalho possuem a guerra como cenário e, por esse motivo, as infâncias são marcadas por situações difíceis, de sobressaltos, deslocamentos, angústias e privações. Em “Minha guerra alheia”, Marina Colasanti, em um trabalho de rememoração e pesquisa, revisita o passado e elabora a própria infância a partir das lembranças da escritora adulta. Já no livro “O cometa é um sol que não deu certo”, Tadeu Sarmiento não fabula a si mesmo quando menino, mas constrói, a partir de elementos da realidade, a experiência de crianças que vivem em um campo de refugiados. Assim, embora a história não tenha um viés autobiográfico, ela faz parte da vivência do autor enquanto observador e testemunha de seu tempo. Trata-se, desse modo, do “eu” em busca do “outro”. Em ambas as obras, contudo, apesar das adversidades inerentes às circunstâncias da narrativa, há o lirismo característico do universo infantil. Com base no exposto, pretende-se refletir a respeito do entrelaçamento entre realidade e invenção, da construção de protagonistas crianças em situação-limite, do caráter histórico e ficcional presente nas narrativas e da ficcionalização como meio de denunciar a realidade.

Palavras-chave:

Infância. Situação-limite. Escritas de si e do outro.

## ABSTRACT

In the society we live in, childhood is understood as an important period of life which demands attention and special care for the individual's full development in the future. But this has not always been the case and, even today, depending on the social context in which the child is inserted, this conception changes. Therefore, the concept of childhood is unstable, understood in different ways according to time, place, as well as social, economic, cultural, religious issues, and so on. The works analyzed in this paper holds the war as a scenario and, for this reason, childhoods are marked by difficult situations, shocks, displacements, anguish and deprivation. In “My Foreign War” (My foreign war), Marina Colasanti, in a work of recollection and research, revisits the past and makes her own childhood from the memories of the adult writer. When it comes to the book “The comet is a sun that didn't work” (The comet is a sun that didn't work), Tadeu Sarmiento does not fable himself as a boy, but builds,

from elements of reality, the experience of children who live in a refugee camp. Thus, although the story does not have an autobiographical bias, it is part of the author's experience as an observer and witness to his time. It is, therefore, the "self" in search of the "other". In both of the works, however, despite the adversities inherent to the circumstances of the narrative, there is the characteristic lyricism of the children's universe. On the basis of the foregoing, we aim to reflect on the intertwining between reality and invention, the construction of child protagonists in threshold situations, the historical and fictional character present in narratives and the fictionalization as a means of denouncing reality.

**Keywords:**

**Childhood. Threshold situation. Writing the self and writing the other.**

## **1. Introdução**

A infância, na sociedade em que vivemos, apesar dos avanços nos estudos da psicologia, ainda é um período muitas vezes negligenciado. Há, no geral, "a segregação adulto-criança; ou seja, as crianças são encaradas como uma espécie diferente de pessoa" (HUNT, 2010, p. 94). Alguém que está na primeira etapa da existência humana e, por esse motivo, não tem vivência suficiente para ter a voz e as vontades respeitadas.

Estabelece-se, assim, uma relação desigual entre adultos e crianças. Tudo o que corresponde ao universo da infância é, de modo inconsciente, considerado imaturo, sem importância, uma vez que em nosso meio social é o adulto que ocupa uma posição de prestígio.

Tal aspecto é evidenciado também nos textos literários, conforme aponta a pesquisa desenvolvida pela professora Regina Dalcastagnè sobre a personagem do romance brasileiro contemporâneo de 1990 a 2004. No estudo, observamos que, nas narrativas brasileiras do período retratado, existe a prevalência de personagens em idade adulta. Os personagens masculinos que têm suas infâncias representadas correspondem a 7,9% e as femininas 6,4% (Cf. DALCASTAGNÈ, 2005). Não é indicado, porém, se essas personagens são ou não protagonistas. É possível, portanto, que o número de crianças como personagens centrais seja ainda menor, demonstrando que a temática da infância como foco narrativo ainda é pouco explorada.

A literatura, como toda arte, tende a refletir as condições sociais e culturais do seu tempo. Por esse viés, conseguimos inferir o porquê de a infância assumir um papel secundário nas obras brasileiras. Aliado a esse lugar que a criança ocupa socialmente, vale também considerar a dificuldade de uma escrita a partir da perspectiva infantil, tendo em vista que o

escritor adulto está muito afastado do tempo, espaço e registro da infância.

Na seara dos textos memorialistas e autobiográficos é comum a narrativa iniciar pelo período da infância, pois são obras cujo conteúdo pressupõe a história de uma vida. Assim, é narrado todo o percurso do narrador-personagem, ainda que de modo fragmentado, desde a infância, passando pela juventude, até a transição para a vida adulta e para a maturidade. Nesses casos, geralmente, o tema da infância figura apenas em uma parte da narrativa, não sendo a meninice, portanto, o tema principal. Já na literatura infantojuvenil,

[...] a infância ocupa lugar de destaque: grande parte das personagens são crianças, a infância é abordada como tema a partir de diferentes perspectivas, e mesmo a linguagem é afetada por uma poética da infância que busca traduzir a perspectiva infantil para os aspectos formais do texto. (MATA, 2015, p. 13)

Percebemos, assim, que a infância é tema recorrente nas produções pensadas para o público infantil e juvenil, mas nas narrativas que não fazem parte desse campo, a temática da infância assume um caráter marginalizado. É importante salientar ainda que, em muitos contextos, a literatura para crianças e jovens é considerada um gênero menor.

Com base nos argumentos apresentados e nas reflexões acerca do lugar que a criança ocupa na produção literária nacional, este trabalho tem como intuito analisar a representação da infância em duas obras que têm em comum a criança como protagonista do início ao fim da narrativa. Embora sejam livros de recepção distinta, um livro de memórias e uma narrativa infantojuvenil, possuem a infância em situação-limite como temática principal.

São livros, portanto, que além de abordar um tema, como vimos, muitas vezes considerado menor, também desfazem o mito da infância feliz. As crianças dessas histórias passam por situações de angústia, privações, deslocamento, além da presença iminente da morte, uma vez que o contexto é de guerra. E livros que têm a guerra como cenário não podem ser alegres, mas também não devem ser apenas tristes. Precisam ser narrativas que inquietam os leitores, os mantendo atentos e vigilantes (LETRIA, 2018).

A ideia que costumamos ter da infância “como um período de falta de responsabilidade” (HUNT, 2010, p. 93) é, no contexto das narrativas em estudo, desmontada. Em muitas circunstâncias, infelizmente,

crianças são expostas a diversos problemas e preocupações que provocam inclusive um amadurecimento precoce. É difícil definir o termo infância. Mais adequado seria discorrer sobre infâncias, uma vez que existem diversos tipos, conforme as condições sociais, econômicas, culturais. A definição de infância muda, mesmo no âmbito de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias no passado. Quando se tenta, por exemplo, descrever “infância” em qualquer momento, depara-se com uma série de paradoxos (Cf. HUNT, 2010).

Os protagonistas figurados em “Minha guerra alheia”, de Marina Colasanti, e em “O cometa é um sol que não deu certo”, de Tadeu Sarmiento, passam por situações muito difíceis. Mas, apesar dos momentos de aflição, há o lirismo característico do universo infantil, aspecto que relativiza a tensão dos textos.

Assim, será investigado como se dá a construção desses personagens crianças em tais circunstâncias, as diferenças e similaridades na elaboração de mundos infantis em narrativas direcionadas para adultos e para crianças, além do cruzamento entre literatura e reportagem.

## **2. *A escrita de si: as memórias da infância de Marina Colasanti***

“Minha guerra alheia” é o livro de memórias da infância de Marina Colasanti, escritora consolidada, com mais de cinquenta títulos publicados no Brasil e no exterior, nos mais diversos gêneros: poesia, romance, contos, crônicas, ensaios e literatura infantojuvenil. A obra, publicada em 2010, foi contemplada em terceiro lugar no Prêmio Portugal Telecom em 2011, atualmente intitulado Prêmio Oceanos, um dos mais importantes prêmios literários de língua portuguesa.

Em suas memórias, Colasanti, valendo-se da recordação e do retorno aos lugares em que viveu, revisita o período da infância que coincidiu com o momento histórico da II Guerra Mundial. Assim, a obra é constituída por um exercício de rememoração e pesquisa do período que compreende desde o casamento dos pais em 1935 até 1948 quando, aos 10 anos, ela se despede da Itália a caminho do Brasil.

O papel da lembrança na obra de Marina Colasanti abrange não só o da recordação da escritora, como a de outros, pois a narrativa inicia antes mesmo do seu nascimento. Inclusive, o parágrafo que abre as memórias é composto pela descrição de uma fotografia do casamento de

Manfredo e Lisetta, pais de Marina. Tal recurso é utilizado pela autora em vários momentos do livro. Em vez de incluir as fotos da família na obra, algo comum em narrativas memorialísticas, Colasanti opta por narrar as imagens, conforme é possível verificar no trecho a seguir:

Meus pais casaram sob a mira das metralhadoras. Ele fardado, cartuchei-  
ras na cintura, ela tão delgada, de *tailleur* claro e chapéu de menina. A  
tropa toda formada ao redor. Um tanto atrás dos noivos, os únicos civis  
são seis mulheres e uma criança, certamente as duas irmãs dela, órfã des-  
de cedo, e as melhores amigas. Reconheço minha avó paterna. Ao lado do  
meu pai, junto ao altar, o comandante. (COLASANTI, 2010, p. 9)

A escolha pela narração é justificada pela autora como um modo de deixar as imagens se construírem livres na imaginação dos leitores. Além dessa estratégia, ela ressalta: “usar as fotos do meu álbum de família pareceu-me redutor, pois fecharia o foco sobre um registro pessoal, quando o que eu havia buscado era um discurso coletivo” (Cf. COLASANTI, 2011).

Há, portanto, no exercício memorialístico de Marina, uma dimensão pessoal, mas também coletiva. A reconstrução do seu passado, da sua origem e as reflexões sobre o contexto em que nasceu e viveu durante a infância adquirem um sentido histórico, até porque para elaborar o seu relato contou também com a recordação de outras pessoas, além de consultar cartas, fotos, documentos, livros etc. Ao longo da narrativa conseguimos inferir que houve um sólido trabalho de pesquisa, como é possível verificar no fragmento a seguir:

Um ovo passou a custar uma lira e não havia mais carne. [...] Em Como, cidade industrial e importante, comíamos peru, ave insípida por excelência que não capricha no sabor sequer para festejar o Natal. Peru e couve-flor durante meses, sem alternativas. E arroz. Os italianos não são grandes comedores de arroz [...] naquela época, entretanto, uma campanha maciça foi feita para mudar esse hábito alimentar [...] louvavam-se as virtudes do arroz até mesmo nos livros escolares, comer arroz foi transformado em gesto patriótico. Mas o que de fato empurrou grão a grão garganta abaixo foi a necessidade. Ainda assim, **deveríamos considerá-lo uma bênção, pois antes disso e depois, até o fim da guerra, muita gente não teve o que comer. Segundo um relatório oficial, ainda em 42, 40% da população do país passava fome.** (COLASANTI, 2011, p. 82-3) (grifos meus)

A construção da menina Marina a partir da recordação individual da escritora adulta é afetada pela memória coletiva. A infância da autora assume, assim, um valor documental ao misturar dados estatísticos e informações históricas com experiências do cotidiano familiar. Ao mes-

mo tempo, esse exercício de escavação demonstra uma tentativa da autora de completar as lacunas deixadas pelos pais sobre sua própria origem:

O médico que me puxou pelos pés para dentro do mundo morreu em um naufrágio na costa africana, devorado pelos tubarões. Teria sido no Mar Vermelho? Minha mãe me contou a tragédia mas omitiu o lugar. Não eram de grandes registros, meus pais, não deixaram documentos, datas, escritos. Até mesmo minha certidão de nascimento desapareceu. Como a vida, os fatos para eles também eram voláteis. Terei que me servir quase que só da memória. E, em Asmara, a memória estava nascendo comigo. (COLASANTI, 2010, p. 15)

Esse trabalho de revisitação ao passado, tanto do ponto de vista da memória quanto de revisitação literal, uma vez que a autora entrelaça as recordações da infância com à ida, no presente, aos lugares em que viveu, é sempre nebuloso:

Na manhã em que voltei a Albavilla com Affonso, o portão da igreja estava encostado. Entramos. Mas, ao contrário do que esperava, o interior nada me disse. [...] Paramos diante de um chalé transbordante de glicínias em flor, mas não era o meu. Paramos diante de uma casa com uma gruta abaixo de um terraço envidraçado, mas não era a minha. Subimos e subimos. Paramos porque a vista dos telhados entrelaçados lá embaixo nos chamava. Os três lagos cintilavam ao longe. “Meus lagos!”, exclamei em silêncio, e mais que uma resposta era uma invocação. [...] **eu não era mais uma menina de suéter cor de hortênsia mas a mulher que havia ido buscá-la.** (COLASANTI, 2010, p.131-3)

Marina Colasanti, de família italiana, nasceu em Asmara, capital da Eritreia, na África, e mudou de casa diversas vezes devido à guerra. Um chalé isolado próximo da montanha em Albavilla, pequena cidade no norte da Itália, foi um dos lugares em que viveu na infância. O local, em determinado período, foi o mais adequado para que a família estivesse afastada dos bombardeios.

Contrariando a expectativa, o retorno ao local da infância não a fez reviver a Marina criança. A primeira impressão, inclusive, foi de estranhamento e desencontro ao se chocar com uma cisão entre a realidade que experimentava no presente e as recordações guardadas. Ela já não era a mesma, muito menos a cidade.

Assim, é importante ressaltar que, apesar das viagens aos locais em que viveu, a memorialista narra a partir de um duplo afastamento em relação ao passado: o geográfico e o cronológico. Marina Colasanti mora no Brasil desde os 10 anos, quando sua família se radicou no Rio de Janeiro. Isto é, está muito distante culturalmente das regiões em que

viveu na infância. Além disso, a escritora reconstrói sua história mais de 50 anos depois dos acontecimentos narrados.

Embora exista um distanciamento inegável no que se refere à criança que foi, a autora se vale, muitas vezes, do cotidiano familiar e da perspectiva infantil para compor as memórias, como na seguinte passagem: “Família de passarinhos a nossa, mudando de ninho quando mudava o sol.” (COLASANTI, 2010, p.222). Dessa forma, podemos observar que os constantes deslocamentos a que foi submetida em consequência da guerra foram recriados no livro por uma espécie de poética da infância. No entanto, essa reelaboração do mundo pela ótica da criança nem sempre surge de maneira apaziguada:

Vi um quadro pendurado onde havia sido uma sala, vi paredes azulejadas onde havia sido cozinha, vi a marca de móveis que já não existiam, como não existiam pisos nem telhados. Onde estariam os donos dessas habitações todas, perguntava em silêncio meu coração, onde passariam a noite os que não tinham mais para onde voltar? (COLASANTI, 2010, p.177-8).

A partir do resgate do olhar da criança somos expostos a um cenário desolador, que apenas é deixado para trás quando Marina, seu irmão e sua mãe viajam para o Brasil. Esse momento é narrado como de grande expectativa para a memorialista e a sua família, e representa o fim da guerra para a autora-personagem.

### **3. *A escrita do outro: Tadeu Sarmiento e a recriação da vivência de crianças refugiadas***

“O cometa é um sol que não deu certo”, assim como “Minha guerra alheia” também aborda a experiência difícil de crianças em momento de guerra. No entanto, diferentemente do livro de Colasanti, a situação narrada por Tadeu Sarmiento não está distanciada do nosso tempo. Pelo contrário, vez ou outra, acompanhamos nos noticiários as consequências terríveis dos conflitos na Síria e a condição precária dos refugiados.

De acordo com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), mais da metade dos refugiados do mundo em 2018 eram crianças (Cf. MONTENEGRO, 2019). Essa realidade não mudou e ainda parece longe de terminar.

O próprio autor, Tadeu Sarmiento, diz que a ideia para a escrita do livro surgiu a partir da foto, muito divulgada em diferentes mídias, de Alan Kurdi, menino sírio de 3 anos que morreu por afogamento quando

fazia a travessia com destino à Grécia em 2015. A fotografia impactante da criança morta na areia da praia suscitou muitos debates em todo o mundo sobre a situação dos refugiados. O autor parte, então, de uma questão social, para criar a sua obra, como podemos verificar na declaração a seguir:

Vivo anotando ideias, tenho para mais de cinquenta argumentos de livros. Só que minhas ideias não surgem do nada: elas vêm da própria realidade – algo que alguém fala, notícias que leio, livros ou filmes que me abrem novas possibilidades narrativas. Para me manter criativo, cultivo o hábito da escuta e da atenção. Gosto de ouvir as pessoas e procuro jamais julgar ninguém. Procuro alimentar a empatia também, imaginando o que faria se colocado em determinadas situações que ouço falar. Exemplo: meu livro que ganhou o Prêmio Barco a Vapor (*O Cometa é um Sol que Não Deu Certo*) teve origem naquela terrível fotografia do garotinho refugiado sírio que morreu afogado. Escrevê-lo foi uma maneira de tentar entender o que aconteceu ali. (SARMENTO, 2018)

Assim, embora não seja uma narrativa de cunho autobiográfico, nasce de uma situação real. Faz parte, portanto, da vivência do autor enquanto observador e testemunha do seu tempo. Sarmiento a partir de um fato vai ao encontro de um outro, começa a pesquisar sobre crianças em situação de migração e refúgio, crianças que tem a infância interrompida, que descobrem de forma precoce o significado da perda e de uma vida de escassez material e emocional. Trata-se, desse modo, do “eu” em busca do “outro”.

“O cometa é um sol que não deu certo” é o livro de estreia de Tadeu Sarmiento na literatura para crianças e jovens, e ganhou o Prêmio Barco a Vapor em 2017, um dos mais importantes concursos nacionais de literatura infantil e juvenil. Nascido em Recife em 1977, e atualmente residente em Belo Horizonte, o autor já recebeu diversos prêmios literários antes de se dedicar à escrita para o público jovem, tais como o II Prêmio Pernambuco de Literatura, em 2014, e o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura, em 2016.

No livro aqui estudado, Sarmiento recria a realidade de crianças que vivem em um campo de refugiados, sobretudo a de Emanuel, menino que enfrenta diversos conflitos internos, além dos problemas de escassez de água e alimentos a que todos no deserto estão submetidos. A história é ambientada na Jordânia e, apesar de ser narrada em terceira pessoa, é a perspectiva do protagonista que irá orientar o leitor ao longo narrativa. O texto é constituído, assim, por uma poética da infância ao mesmo tempo que denuncia a difícil sobrevivência das pessoas em situação de desterro.

O campo está lotado. Emanuel, no alto da colina ao norte, vê a imensidão de pessoas do lado de fora. A fila é tão comprida que sua ponta final se confunde com o próprio horizonte até sumir de vista. Toda aquela gente espera pela chance de refúgio. Atrás das cercas de arame farpado, elas imploram para entrar. Estão desamparadas, indefesas, à mercê de um ataque das tropas rebeldes ou dos animais noturnos do deserto, que são muitos.

As mães (sempre elas) erguem os filhos pequenos, suplicando que, pelo menos, os deixem entrar. Em seus braços, os meninos parecem voar, balançando os bracinhos, que assim parecem asas quebradas. Elas só querem que eles possam viver, de preferência em um novo país (...). Isso aperta o peito de Emanuel até a garganta. (SARMENTO, 2017, p. 19-20)

Cenas semelhantes à narrada no trecho acima foram divulgadas, em agosto deste ano (2021), nas redes sociais e em programas televisivos. No aeroporto de Cabul, após o Talibã assumir o controle do Afeganistão, mães passavam seus filhos por cima do muro de arame farpado na tentativa desesperada de protegê-los. Encontramos, dessa maneira, no livro de Sarmiento, uma estratégia narrativa similar à utilizada na construção das memórias de Marina Colasanti: as imagens ausentes estão presentes. Não há fotografias nos livros, mas a imagem é constituída discursivamente.

A obra de Sarmiento, contudo, possui uma relação com a imagem ainda mais direta porque conta com a presença de ilustrações. Sobre esse ponto, é importante ressaltar que as ilustrações do livro foram criadas por Apo Fousek, “artista ativista, que explora a relação dos seres humanos com a natureza, a ética com os animais, as práticas de consumo consciente e os modos de vida alternativos” (SARMENTO, 2017, p. 115). Ao conhecer um pouco sobre a produção do ilustrador, notamos uma afinidade de propostas artísticas que convergem harmonicamente para a construção da obra.

O título metafórico do livro também cria, de antemão, um vínculo com a temática da narrativa, uma vez que a imagem de um cometa, astro migrante, reflete a situação de deslocamento dos refugiados e dos personagens da história. Assim, por meio da exploração do lúdico, o leitor é inserido no cotidiano de desamparo dessas crianças:

Os dois vivem em um campo de refugiados. É um lugar difícil para eles, para as outras crianças e também para os adultos, mas ninguém ali teve escolha. Emanuel olha para o céu em direção as nuvens e pensa que ninguém nunca tem escolha. Que as pessoas são iguais aquelas nuvenzinhas no céu, empurradas pelo vento sabe-se lá para onde ou até quando. (SARMENTO, 2017, p. 11)

Portanto, “os passarinhos” nas memórias de Colasanti e “o cometa” e “as nuvenzinhas” na obra de Sarmiento são exemplos de construções narrativas atreladas ao universo da infância que permitem “um outro modo de ver e criar o mundo” (MATA, 2015, p. 19). Apesar dos momentos de angústia, medo, cansaço e da presença constante da morte, a infância sobrevive

como uma poética [...] como um lugar de onde poderá partir algo ainda impensado e as possibilidades de surpreender a linguagem que daí decorrerem, levando em consideração tanto a elaboração mais abstrata de um conceito de infância quanto a inscrição da criança como sujeito social, que se relaciona com outras crianças, com os adultos e com as instituições. (MATA, 2015, p. 19)

Notamos, assim, um compromisso ético na representação. Tadeu Sarmiento escreve sobre experiências difíceis que nunca vivenciou, a partir de um lugar que não é o seu. É um homem adulto recriando a dura realidade de crianças de outro continente. Dessa forma, a fabulação dessas vivências na obra exigiu um exercício de escrita responsável.

As notícias que temos contato pela mídia, muitas vezes, não tem qualquer comprometimento, possuem um viés sensacionalista, com enfoque na tragédia. Nesses contextos, a infância é invisibilizada, o cotidiano e o relato das crianças estão ausentes. O caráter lúdico de “O cometa é um sol que não deu certo” não poupa o jovem leitor das dificuldades vivenciadas pelos personagens, mas apresenta um modo de olhar que não nos chega por meio dos noticiários: a infância resiste à guerra.

#### **4. Considerações Finais**

A partir das reflexões levantadas, conseguimos observar que apesar da atmosfera de luto e dor que circunda a paisagem, os autores, valendo-se do olhar infantil, apresentam narrativas que privilegiam a vida e as experiências individuais. Assim, Colasanti e Sarmiento oferecem aos leitores a perspectiva que não chega por meio dos noticiários da TV, além de dar voz aos que sempre foram silenciados pela história: as crianças.

Os livros, como vimos, escritos para públicos distintos, com gênero e foco narrativo também distintos, possuem muitos pontos de encontro. Ambos nascem da tentativa de contar o que não é mostrado em situações-limite. Em entrevista sobre o livro, Marina diz que em toda guerra existe o cotidiano das pessoas comuns que não é noticiado. E comple-

menta: “Foi dessa ausência que eu quis falar. E o fiz lembrando minha infância, utilizando o olhar atento com que toda criança apreende o seu entorno” (COLASANTI, 2011). Tadeu também ressalta que a escrita de seu primeiro livro infantojuvenil surgiu como uma tentativa de entender o contexto que causou a morte do menino Alan Kurdi.

Observamos, dessa forma, um compromisso social e ético na representação dessas vivências, por meio de uma escrita que nos aproxima do universo das crianças em situação de guerra, dos seus costumes e da sua cultura. Os noticiários, por outro lado, nos mantêm no conforto do distanciamento, mostrando apenas o horror de uma maneira despersonalizada.

A fabulação da infância permanece apesar dessa realidade de horror. Em “O cometa é um sol que não deu certo”, Emanuel imagina o céu como um mar de ponta-cabeça e faz pipas para brincar com os outros meninos do campo. Em “Minha guerra alheia”, Marina e seu irmão Arduino, sem contato com outras crianças, inventam dois amigos imaginários e diversas aventuras. Há a presença do lirismo, do humor, da amizade. Ambos os livros terminam também com a esperança de um novo mundo: Marina a caminho do Brasil e Emanuel num abrigo na Grécia.

A escolha por essa poética da infância que sobrevive à guerra, além de um recurso literário, assume também um viés documental ao impedir o apagamento dessas histórias por meio da arte. É, portanto, uma escrita pela sobrevivência de si e do outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLASANTI, Marina. Corte Radical. Entrevista com Marina Colasanti, autora de *Minha guerra alheia*. *Jornal Rascunho*, out. 2011. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/corte-radical/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. *Minha guerra alheia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26. p. 13-71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 18 out. 2021.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MATA, A. L. N. Infância na literatura brasileira contemporânea: tema, conceito, poética. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 46, p. 13-20, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10032>. Acesso em: 28 set. 2021.

MONTENEGRO, Carolina. *Amal: e a viagem mais importante da sua vida*. Ilustrado por Renato Moriconi. São Paulo: Caixote, 2019.

NUNES, Jose. *Entrevista com Tadeu Sarmiento*. 2018. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/tadeu-sarmiento/>. Acesso em: 15 set. 2021.

SARMENTO, Tadeu. *O cometa e um sol que não deu certo*. Ilustrações de Apo Fousek. São Paulo: SM, 2017.

Outra fonte:

A GUERRA. Vídeo de divulgação do livro *A guerra*. Texto de José Jorge Letria e ilustrações de André Letria. Produção da Editora Pato Lógico, 2018. Disponível em: <https://www.pato-logico.com/editora/livros/guerra> Acesso em 15 ago. 2021.